NOTAS DE ARQUEOLOGIA

A IGREJA

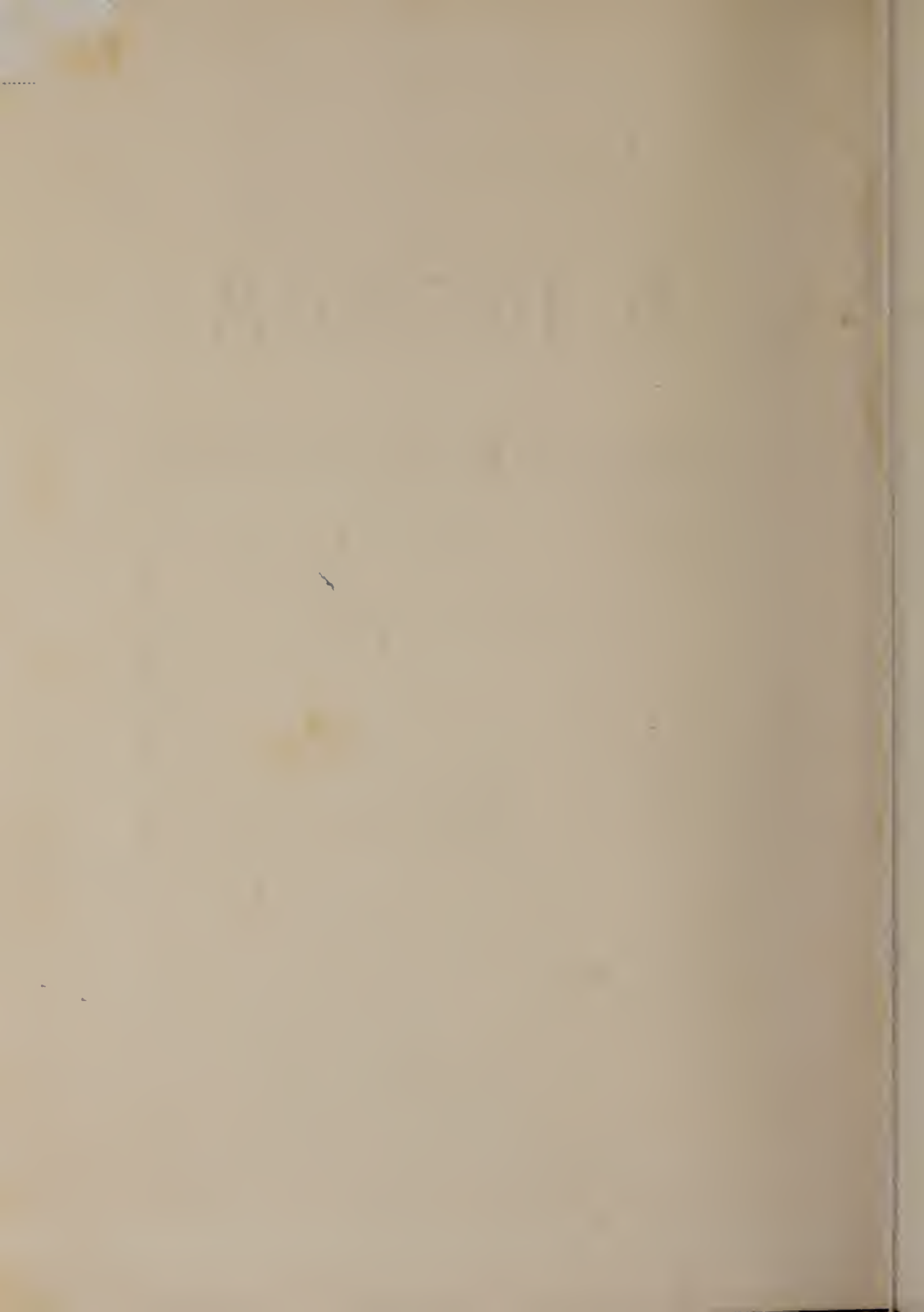
DE

LOUROSA DA SERRA DA ESTRELA

POR

VERGILIO CORREIA

JANEIRO — 1912

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO MARIA ANTUNES
Calçada da Gloria, 6 a 10 (á Avenida)
LISBOA

NOTAS DE ARQUEOLOGIA

Ao Ex.mo Senhor Dr.
Luiz Xavier da Costa.
Respeitosamente off.
o humilde admirador
Vergilio Correia
Lisboa – Fever.º de 1915

A IGREJA

DE

LOUROSA DA SERRA DA ESTRELA

POR

VERGILIO CORREIA

JANEIRO 1912

TYP. DE ANTONIO MARIA ANTUNES
Calçada da Gloria, 6 a 10
LISBOA

Antiguidades de Lourosa—Um cemiterio de sepulturas antropomórfas — Uma tampa sepulcral arciforme — Uma ara votiva—O pelourinho—Edificios dos seculos XVI e XVII.

Estudava ainda em Coimbra quando fui convidado por um amigo [1] a visitar o seu concelho, Oliveira do Hospital onde, dizia, se conservavam interessantes cousas de arte e arqueologia, como a capela dos Ferreiros, a Bobadela e a igreja de Louroza anterior ao ano mil.

Admirei-me. Conhecia as mais antigas igrejas de Portugal, se não de as visitar, ao menos das referencias dos entendidos e espantava-me que uma de tal antiguidade tivesse escapado ao estudo dos arqueologos e eruditos portuguezes.

Sabia de Balsemão, que uma referencia de Filipe Simões nos «Escriptos Diversos» [2] me fizera visitar e que uma serie de artigos do sr. Joaquim de Vasconcelos, na Arte [3] do Porto tornara mais conhecida. Considerava-a o mais antigo santuario de Portugal: só depois apareciam as pequenas igrejas romanicas do Minho como Vilarinho, S. Cristovam do Rio Máu, Travanca e tantas outras, todas porem já puramente romanicas e pos-

---

(1) O sr. Antero da Veiga, que tambem amavelmente me acompanhou na visita a Louroza, e a quem deixo expresso todo o meu reconhecimento.

O presente trabalho foi publicado em artigos na «Folha de Oliveira» jornal de que aquele meu amigo é director.

Quando este estudo já estava em publicação fui informado de que a «Arte» do Porto trazia uns artigos sobre o mesmo assumpto. Não me preocupei com isso e continuei o meu trabalho como o tinha delineado, imperfeito, decerto, mas independente. E' o que apresento agora á benevolencia dos leitores.

(2) Escriptos Diversos—Filipe Simões, pag. 156 e seg.

(3) «A Arte».—Revista portuense, 1908

teriores ao milenio. Ir-se-ia preencher uma lacuna na historia da arquitetura portugueza?

Num dos derradeiros dias de agosto deste ano parti de Oliveira do Hospital para Louroza. O caminho é delicioso. Estrada da Beira abaixo, levando a acompanhar á esquerda, como gigantesca amiga a serra do Colcorinho dum azul muito negro em que as capelas brancas da Senhora das Preces mal se distinguiam, depressa alcancei as Vendas de Galizes.

Deixando então essa que é a mais linda estrada de Portugal, meti para a esquerda, e, tendo avistado primeiro na descida o vasto convento de Vila Pouca, cheguei rapidamente á igreja, pouco afastada da estrada.

Louroza é uma terra antiga: quando outra cousa não houvesse para o demonstrar, a igreja bastava. Mas alem d'esta sobejam por lá as provas documentaes.

Em volta da igreja, em frente e do lado direito, abrem-se no schisto amarelado da região umas tantas sepulturas com a forma do corpo, perfeitas ainda algumas, destruidas em grande parte as restantes.

As melhor conservadas fazem parte de um grupo de 8, que desde debaixo da actual torre se prolonga uns tres metros pelo adro fóra á esquerda da porta principal, apresentando-se 4 ou 5 quasi completamente boas. Ha-as de adulto e de creança, todas simples e de arestas vivas, exceptuada uma que possue escavado em toda a volta um pequeno resalto, decerto destinado a deixar assentar melhor a tampa, fosse de pedra ou de madeira. Todas teem no alto a cavidade circular destinada á cabeça, seguindo-se depois o resto da sepultura com o feitio de trapezio alongado, cuja base fosse o lado onde se cava a cabeceira. Os lados dos trapezios onde se encontravam os pés dos defuntos são levemente arredondados em algumas das sepulturas e a orientação de tudo é nitidamente Este—Oeste, ou seja a cabeça para o Oriente e os pés para o Ocidente. Noto que são demasiado estreitas, comparadas com as que conheço de varios pontos do nosso paiz onde são vulgares. Empregadas desde o tempo dos romanos, continuaram a usar-se pelo dominio visigotico fóra, talvez até muito tarde.—Enterradas nos claustros da Sé de Coimbra as vi eu semelhantes, do seculo quatorze, cavadas em blocos isolados de cantaria.

Como estas, aparecem mais no concelho de Oliveira, tendo-me sido apontadas algumas em Salgodins perto de S. Paio e dadas informações de que muitas mais havia que o tempo e os homens, mais os homens que o tempo, se tinham encarregado de destruir.

Para o lado direito da igreja prolongava-se o cemiterio, e, embora muito deteriorados, reconhecem-se claramente cinco leitos sepulcraes. Como todos parecem sahir de sob as paredes da igreja é natural a pré-existencia do cemiterio, sendo o templo edificado sobre ele muito posteriormente.

Factos semelhantes não rareiam na arqueologia e, por exemplo, em Vianna do Alemtejo o vasto santuario da Senhora d'Aires assenta sobre uma necrópole da epoca romana. (1)

Deste lado direito da igreja de Louroza ha uma porta um pouco alta, cujo acesso é facilitado por uma escada de poucos degraus. Servindo de pavimento no patamar desta, encontra-se um monumento funerario gentilico, uma tampa sepulcral, cujo feitio semi-cilindrico ou abáulado, a faz denominar arciforme. (2) A sua posição porém está invertida, encontrando-se a base, massiça, a descoberto e o dorso metido na parede da escada.—O seu feitio é, perdoe-se-me a comparação, perfeitamente o de uma tampa de maquina de costura. Nas partes que tem visiveis, um dos topos e a base, não tem inscrição alguma, sendo porem provavel ou pelo menos possivel que a tenha no outro topo ou sobre o dorso.

Estes monumentos, usados pelos luso-romanos não se sabe até quando, encontram-se frequentemente no Algarve, Alemtejo e Extremadura, mas não havia ainda aparecido nenhum para o norte desta ultima região. Colocavam-se sobre os tumulos e quando não eram anepigrafos diziam os nomes filiação e edade do morto, acrescentando em geral os nomes dos parentes que mandavam construir o monumento e uma saudação amavel, como o classico *sit tibi terra levis*.

Um outro achado interessante que fiz, foi o de uma ara votiva. No lado esquerdo da igreja, existe um terreno que separa a residencia paroquial da capela-mór: esse terreno é isolado d'uma horta que se estende a N. E. por um grosso muro de alvenaria onde se abre uma porta que estabelece a comunicação entre os dois terrenos. A porta está ligada á ombreira esquerda por uns duplos gonzos, afastados um metro. No sitio onde se cravam na pedra as ferragens inferiores encontra-se deitada uma pedra com as esquinas cortadas, cujo feitio é o carateristico das aras votivas.

Precisamente, o espigão do cachimbo foi pregado sobre a inscrição inutilizando algumas letras. Apezar disso lê-se ainda

(1) O Arqueologo Portuguez.—Vol. IX, pag. 282 e seg.
(2) O Arqueologo Portuguez.—Vol. XIV, pag. 261 e seg.

claramente em duas linhas, por cima O N e inferiormente V.. I: as letras, que vem logo sob a cornija, parecem eguaes ás empregadas no seculo II.

As aras eram tambem monumentos funerarios, que os devotos ofereciam e consagravam aos manes, pelos mortos queridos.

Esta nossa, é de granito, dum tipo vulgar, formada por um paralelepipedo alongado, de secção quadrada, que nos dois extremos alarga em resalto, formando duas saliencias, a base e a cornija, desbastadas posteriormente para a pedra ser adaptada ao uso que tem. Na parte superior conserva ainda a cavidade sacrificial tão vulgar nas suas semelhantes.

Espalhados pela povoação, utilisados nos alpendres, nas lojas e nas paredes encontrei varios capiteis antigos e alguns fustes de coluna de variados diametros.

Para detraz da capela-mór da igreja, num pequeno largo, ergue-se sobre alguns degraus um belo e forte pelourinho que me parece, pelo apontamento que dele tenho, do ultimo gotico.

Nas casas nota-se que muitas portas e janelas tem os angulos da cantaria cortados, apresentando uma agradavel distração aos olhos, cançados das arestas modernas. Algumas portas até, teem nas ombreiras faceadas, ao fundo, uns resaltosinhos foliados, ultimo vestigio das bases de coluna dos arcos que envolviam os portaes dos edificios do seculo XV.

Este costume de cortar as esquinas como ornato, encontra-se já frequentemente no gotico, aparece muito no manuelino, toma fóros de cidade durante a renascença e o seu uso prolonga-se na Beira por todo o seculo XVI e primeiro quartel do XVII, tendo eu encontrado já na região portas assim ornadas, com as datas de 1627 e até de 1632. [1]

Ha tambem na freguezia alguns bons exemplares de edificios do seculo XVII.

Voltemos porém á igreja que é o que mais nos interessa.

---

[1] 1627 na capelinha da S.ª da Ribeira, sob a Povoa das Quartas, no limite do concelho de Oliveira do Hospital e 1632 no portal de uma casa da Bobadela.

Falta de grandes monumentos antigos em Portugal — Causas dessa falta — Igrejas romanicas — Um templo com 1040 anos de existencia

Portugal é um paiz falto de grandes monumentos. Aqueles que a devoção e o fausto dos reis e ricos homens levantaram dos seculos onze a quinze pelos vales tranquilos e transbordantes de agua, levaram-nos na maior parte os seculos seguintes na voragem das guerras, dos terremotos, das vicissitudes do tempo, tranformados os estilos dos que escapavam a salvo, pelas riquezas da India e pelos ouros do Brazil.

Bem em contrario de paizes como a França a Inglaterra ou a Italia, onde cada igreja de comuna é um monumento a visitar, a nossa primitiva arquitetura não se manifesta por edificios grandiosos senão de onde em onde, excepcionalmente, de provincia em provincia.

Se porém a sorte dos grandes monumentos os levou a destruições totaes ou a reconstruções desastradas, o mesmo não aconteceu felizmente a muitas e muitas igrejitas humildes, conservadas intactas na sua pobreza e na da sua freguezia, providencialmente libertas de doadôres, reformadôres e brazileiros ricos.

São inumeraveis ainda, desfiando se pelas serras e socalcos de Traz-os-Montes, pelas colinas suaves do Minho ou pelas agrestes chapadas das Altas Beiras, dando á paisagem e aos povoados com a negrura dos seus arcaboiços de pedra, um ar daquela rudeza simples que a terra toda devia ter nesses tempos remotos em que cada cavão era ao mesmo tempo um soldado.

O estilo desses specimens da primitiva arquitetura, romanicos e de transição, é de todos talvez aquele que melhor nos

faz compreender o seu seculo de florescimento e a vida dos seus coevos: inquebrantavelmente solido, humilde na sua rude e desafeiçoada fabrica, indissoluvelmente ligado á terra de que pouco parece querer afastar-se, o estilo dos monumentos é a imagem perfeita da epoca em que foram levantados.

Não póde ninguem furtar-se a um sentimento de respeito em frente do portal lavrado dum desses santuarios construidos ha oito seculos. Encontrar-se porém qualquer, ante uma igreja ou capela anterior ao seculo decimo, ao fatal seculo do milenio, ante um edificio levantado numa idade cuja historia mal se distingue, tão talado está o seu campo de cavalgadas de asturianos, leonezes e arabes, excede e apaga quantas impressões similares o espirito tenha recebido anteriormente.

E' o que succede a quem entrar, sabendo onde entra, na igreja da pequena freguezia de Louroza do concelho de Oliveira do Hospital, igreja cujo registo de nascimento foi gravado numa larga pedra colocada interiormente sobre a porta principal.

Este registo, inscripto em belos caratéres romanos diz apenas: ERA DCCCCX: ou seja reduzindo á era vulgar, ano 872 depois de Cristo. [1]

Faz portanto até 1912 a bonita soma de 1040 anos.

Uma unica terra em Portugal pode juntamente com Louroza orgulhar-se de possuir um monumento de tão remota antiguidade, como adeante veremos.

---

[1] Como se sabe a diferença entre a era de Cezar e a de Cristo é de 38 anos.

O interior da igreja — Os arcos de volta de ferradura — Um retabulo com a crucifixão — Uma virgem gotica — Tolerancia religiosa dos arabes — Rapida cronologia da epoca em que foi levantada a igreja de Louroza

Tres portas estabelecem a comunicação entre o interior e o exterior da igreja: a principal, emoldurada num arco banal de ombreiras redondas do seculo XVII, a da direita de que já falei, onde se encontra a tampa sepulcral arciforme, e uma terceira, á esquerda, que serve a sacristia e a capela-mór.

Quem descer da residencia paroquial ao terreiro, encontra-se em frente desta ultima porta, que á primeira vista nada apresenta de notavel no seu simples caixilho rectangular.

Se, porém, olharmos com atenção, depressa reparamos que, espalhados pela massa da parede e fóra dos seus logares, se encontram os silhares completos de uma primitiva entrada, cuja armação de pedra tinha na parte superior a fórma do arco de ferradura.

Entra-se e está se numa pequena sacristia, logo a seguir na capela-mór e, descendo um pouco, encontramo-nos dentro do corpo principal da igreja, em cujo solo levantaram um estrado de relativa altura para tornar menos sensivel a diferença de nivel entre a capela-mór e o resto do edificio. Então a gente queda-se a olhar a simplicidade da construcção, cujos blocos de granito a cal aldeã branqueou, e a remota idade do templo que em Portugal é o segundo em antiguidade.

O corpo da igreja acha-se dividido em tres naves de desigual largura, sendo a central a mais ampla. A comunicação en-

tre elas faz-se de um e outro lado nas paredes divisorias, por tres arcos seguidos, de volta de ferradura, sendo o todo extremamente singelo e sem ornatos. A serie dos arcos apoia-se nos dois extremos em impostas bastante salientes e nos intervalos em abacos rectangulares que repousam sobre colunas de uma especie de ordem toscana.

Os capiteis são do tipo vulgar dessa ordem, eguaes ás bases de coluna de S. Pedro de Balsemão, precisamente do tipo dos muitos, romanos, que aparecem por todo o paiz e especialmente semelhantes aos de Idanha a Velha, cidade que, como é sabido, conservou importancia até á conquista arabe. Os fustes são lisos e vão perder-se sob o taboado do estrado que cobre o pavimento, impedindo que se veja por inteiro a construção.

Sobre o arco da capela-mór, ao centro, olhando o corpo principal, ha um retabulosinho de pedra com a Crucifixão: assumpto e logar de colocação são frequentes em igrejas goticas do distrito de Coimbra. Deste genero existe um muito bom na igreja da Pampilhosa do Botão.

Na nave esquerda ha algumas particularidades: no topo dela aparece desemtaipado já, um arco de volta de ferradura que estava metido na parede e establecia outrora uma segunda passagem para a parte superior do templo. Esse arco é perfeitamente igual aos restantes.

Ao fundo da mesma nave começa uma escada de pedra que conduz ao côro.

Ali, sob uma janela geminada cujos arcos tambem são de ferradura, encontra-se embutida na parede ao rez do soalho uma lage onde se acha gravada a já falada certidão de idade da igreja. Lá está bem claro, ERA dccccx: A ultima letra contudo, não está absolutamente perfeita: falta-lhe a aste superior direita do X. ([1])

Pode ser que esta letra venha a ser lida por modo diferente daquele porque eu o fiz; apezar d'isso a sua alteração nunca invalidará ou modificará as considerações que tenho feito e farei: basta fixar que a região onde fica Louroza esteve mais ou menos em poder dos cristãos uns 100 anos seguidos, até á perda de Coimbra em 987.

Descendo, encontramos ainda, a seguir aos arcos lateraes

([1]) Quando este trabalho já estava em provas, fui amavelmente informado por alguem que lêra os meus artigos, de que havia quem tomasse a ultima letra da inscrição por um L.

E' caso para a importante pedra ser submetida ao exame de um epigrafista notavel.

quasi debaixo do côro, duas capelas modificadas no seculo XVII juntamente com o portal da igreja. A epoca exacta da sua reconstrução é talvez 1632 porque é esta a data que se en contra no altar da Senhora da capela da direita.

Nesse mesmo altar a um lado, ha uma interessante virgem gotica do tipo das que o Museu do Instituto tem do seculo XIV, e egual ás duas do retabulo da capela dos Ferreiros em Oliveira. A imagem está coroada de corôa baixa, aberta, assentando no lenço que lhe cahe sobre os ombros, e tem o menino ao colo, de lado, apresentando ela o corpo torcido, *cambré*, com o movimento de o segurar, atitude que é cheia de vida para a rudeza da epoca.

Sobre a parede, onde se crava a ultima imposta da arcaria esquerda no fundo da igreja, está gravada uma data que pela rapidez da minha visita e pela camada de cal que a cobre, não pude ler completamente. As letras estão em duas linhas sobrepostas, separadas por um traço e lê-se por cima CCXXVI. e inferiormente E. O.

Haverá talvez quem lendo esta despretenciosa noticia diga de si para si, ou mesmo para outros, que tanta minuciosidade é demasiada; responderei que em assumptos desta ordem o mais pequeno ponto por desprezivel que pareça, tem a sua importancia no conjunto e que toda a sintese cientifica, accessivel, das coisas passadas, é producto de pequenas analises.

Continuando... Conhecida já a epoca da construcção do monumento de Louroza ocorre perguntar. No tempo em que foi levantado, não estava a Peninsula em poder dos arabes africanos? Consentiriam eles que os cristãos erigissem templos da sua religião?

Facilmente se responde a estas interrogações. O arabe era tolerante como o fôra o romano e fechava os olhos ante essas crenças diferentes que humilde e publicamente se praticavam, porque nenhum perigo politico lhe traziam. Construiam-se até igrejas e conventos.

Numerosissima foi a população monastica mosarabe porque os mahometanos consentiram a sua continuação. Na serra de Cordova viviam em paz muitos frades e em Portugal o mosteiro de Lorvão da ordem de S. Bento, fundado no seculo VII, conserva-se e progredia. A razão da raridade das construções religiosas vigisodas e asturianas deve-se não aos arabes, mas sim ao furôr de reformar de que os portuguezes sempre sofreram do seculo XII ao XX.

Podia portanto a igreja ter sido fundada em pleno dominio sarraceno; mas não precisamos sequer de recorrer á benevolen-

cia dos infieis: basta-nos o exame da cronologia da epoca, apezar dos documentos serem poucos e vagos, para ficarmos convencidos de que o devoto ou devotos que a mandaram construir, viviam em territorio cristão.

Os arabes entraram na Peninsula em 711 ou 712 e depressa a tinham em seu poder, exceptuada a parte mais norte.

Nos fins do mesmo seculo VIII já Afonso II, o Casto, faz uma correria até ás margens do Tejo. (1) Entre 866 e 910 Afonso III senhorea-se das regiões de Lamego, Vizeu e Coimbra. Coimbra foi tomada em 878: di-lo claramente o Cronicon Laurbanense. «Era DCCCCXVI prendita est conimbria ad ermegildo comite». (2)

No centro orografico da Estrela o dominio arabe devia ser dificilimo de sustentar não o aceitando os habitantes de bom grado. Assim Louroza, em poder dos cristãos, levantava a sua igreja em 872, seis anos antes da tomada de Coimbra, pelo facto de Vizeu, o coração da Beira, pertencer ao monarca leonez.

Compreende-se perfeitamente este facto; a guerra não se fazia como hoje em que a perda de uma praça forte faz perder uma grande região ou até um paiz. Um exemplo basta. Em 987, Almansor conquistava Coimbra e só em 990 conseguia apoderar-se de Montemór-o-Velho, distante apenas 5 leguas.

Costumados como estamos ás modernas divisões provinciaes, custa-nos a seguir a sinuosidade instavel das fronteiras desse tempo em que grandes espaços de terreno se encontravam uns incultos, outros cobertos de florestas, sendo as povoações tão raras e pobres que maravilha era encontrá-las que não fosse afastadas de leguas.

---

(1) Historia de Portugal—Herculano. I, 113.

(2) Port. Mon. Hist., «Scriptores», 20, e um magnifico artigo sobre cronologia medieval publicado pelo sr. Pedro de Azevedo no «Arqueologo» Vol. 13, pag. 67 e seg.

O arco de volta de ferradura para alem do seculo X, em Espanha e Portugal—Entre os visigodos—O cemiterio de Mertola—Entre os luso-romanos—As lapides dos Museus de Madrid e Leon—As stelas do Museu Etnologico Portuguez

Estudada a epoca da construção do monumento de Louroza fixada a sua cronologia, vamos agora ocupar-nos da igreja por partes, para melhor a integrarmos na historia da arquitetura.

Investigaremos primeiro a causa do emprego dos arcos de volta de ferradura e a origem deste modo de construção em Portugal, seguiremos com o estudo do plano a que obedeceram os arquitetos da obra e terminaremos este pequeno trabalho com a comparação entre esta igreja e a sua irmã mais velha de S. Pedro de Balsemão.

Adquirimos para a ciencia o seguinte facto: existe no nosso paiz um santuario do ano de 872 em que os arcos são de volta de ferradura. Vamos ver se conseguimos explicar o uso de este modo arquitetonico nessa epoca e as razões e factos historicos que determinaram o seu emprego.

Nesse estudo não podemos limitar-nos aos documentos que nos forneça o nosso actual territorio porque a moderna divisão nacional de nenhum modo corresponde ás divisões medievaes e antigas; temos de recolher na vizinha Espanha muitos elementos indispensaveis; desde a fundação da igreja, para traz, iremos sempre descendo e profundando nos seculos.

Coevas de Louroza e identicamente construidas são as igrejas asturianas que os reconquistadôres da parte norte da Peninsula iam levantando onde quer que assentavam as suas tendas com demora.

A reconquista começára terminada apenas a ocupação arabe.

No alto das montanhas haviam ficado independentes e indomaveis os rudes habitantes das Asturias e agora precipitavam se como um rio em cheia sobre os seus inimigos, começando um embate formidavel que só sete seculos caidos, conseguia romper e levar para o mar as muralhas que lhe opunham.

Essa reconquista teve do seculo VIII ao XI o periodo mais perigoso e duro porque de um momento para o outro os arabes podiam reunir-se e subverter os incipientes reinos cristãos. Nesse espaço de três seculos, o estilo seguido nas construções foi o anterior estilo visigotico um tudo nada modificado. O arco de ferradura adoptado nos edificios da epoca, foi uma natural consequencia da arquitetura cristã, cuja tradição os asturianos represemavam. Basta citar para exemplo as igrejas de Lino, Naranco e Lena. ([1])

Mas o estilo que os asturianos recolhiam dos visigodos pertencia a estes originariamente ou fôra já respectivamente adoptado de construções romanas ou barbaras?

E' o que especialmente nos interessa saber.

Vamos aos factos. Os visigodos usaram nas suas igrejas os arcos de ferradura, quer os achassem já na Peninsula, quer os trouxessem do Oriente: provam-no os templos de S. Juan de Banos (Palencia), S. Pedro da Nave (Zamora) e Santa Comba de Bande (Orense), este ultimo perto da fronteira portugueza do norte e logar escolhido por alguns individuos para quartel general de conspiração, contra o paiz.

Façamos agora uma exposição de todos os documentos de que se póde inferir o uso dos arcos de volta de ferradura em Portugal na epoca visigotica e anteriormente.

Fornece-nos elementos preciosos um cemiterio cristão do seculo VI de Mertola (Myrtilis), em que as lapides sepulcraes se encontram em geral ornadas com desenhos e inscrições; essas tampas de sepulturas estão hoje no Museu Etnologico Portuguez de Belem, onde tomei estas notas.

Uma delas m de um metro de comprido por 0.43 de largo e tem no centro, gravado ao de leve, o desenho de um portal completo com 0,79 de altura cujo arco e de volta de ferradura.

A armação do arco é formada pela junção de dois, reunidos e sobrepostos, assentando apenas o exterior sobre os capiteis, prolongando-se o outro em curva, sem apoio, pelo in-

---

([1]) Lampérez y Roméa. Hist. de la Arq. cristiana, etc. O excellente livro d'estes senhores, serviu-me varias vezes n'este trabalho.

terior. Os capiteis são esguios, e os fustes torcidos descançando sobre bases rectangulares simples. A altura da coluna completa é de 0.475. No vão do arco está gravado o monograma de Cristo, X. P. e entre as colunas segue o resto da inscrição.

Uma outra lapide pequena (0,580 por 0,26) com todo o lado direito quebrado, apresenta na parte intacta um arco como o precedente.

Ainda uma tampa sepulcral da altura da primeira, tem esculpido um arco alto que tende para a volta de ferradura mas com os caracteres dos empregados pela arquitetura arabe.

Muitas outras pedras do cemiterio apresentam fragmentos de arcos e colunas do mesmo estilo. Todas elas teem o enorme valor de nos mostrarem que no seculo VI nas igrejas cristãs se adotava o arco de volta de ferradura. Os operarios esculpiam na pedra o que tinham ante os olhos, não temos razões para duvidar disso. Sabemos portanto que anteriormente ás citadas igrejas de Nave, Bãnos e Bande, que são do seculo VII, já no seculo VI havia edificios com os arcos da fórma de que vimos falando. Vejamos ainda o que ha para traz desse seculo.

No Museu de Madrid existe uma lapide de seculo indeterminado da epoca romana em que se vê um arco de ferradura envolvendo um *swastica*. No Museu de Leon ha tambem duas lapides do seculo II ou III, que nos interessam. A primeira tem na parte inferior uma arcada de tres arcos de volta de ferradura parecendo o desenho representar o corte transversal de uma basilica de tres naves; a outra, tambem ao fundo, adorna se com duas portas paralelas, de arcos semelhantes aos anteriores, sendo porém o ornato cavado, em lo ar de desenhado, delinando apenas o contorno delas.

Com esta ultima podem relacionar se 4 stelas votivas que se encontram no Museu de Belem, provenientes de Traz-os-Montes da Terra de Miranda. Estão colocadas no final da secção lapidar da epoca lusitano-romana. Teem todas o mesmo tipo, variando de dimensões e substancias, sendo porem duas delas quasi eguaes. Começo por descrever essas duas.

São de granito com um metro de altura e 0,035 de largo e estão lavradas de alto a baixo, apresentando em relevo do topo para a base, primeiro um circulo que envolve numa, um *swastica*, noutra, uma roseta sexifolia, depois em ambas dois pequenos rectangulos (num dos quaes era gravada a usual inscripção) e finalmente no fundo de tudo, duas portas eguaes as já descriptas do Museu de Leon. Apezar do gasto da pedra conhece se bem a volta de ferradura dos arcos.

A lapide mais pequena é tambem de granito, tem 0,54 de

alto por 0,28 de largo, está partida na base e é egual ás anteriores tendo no circulo superior um *swastica*.

A de maiores dimensões difere um pouco das outras; é de calcareo, tem 1,138 por 0,38, encabeça-a um *swastica* tambem, seguindo-se-lhe para baixo o rectangulo, onde ha um porco em relevo e finalmente, tres portas do tipo já nosso conhecido, paralelas e eguaes.

Quem teria importado para a Peninsula este feitio de arcos que nós á falta de melhor designação chamamos de volta de ferradura?

Teria por acaso esta forma de arco aparecido na região das Citanias, inventado ou conservado de remotos tempos pelos povos acantonados para o Norte do Douro? E' um problema a resolver.

Todas estas lapides, portuguezas e espanholas proveem do territorio de Alem Douro. Do seculo II ao XI ficou portanto estabelecida a continuação construcional, sem intervenção de estranhos.

Resta-nos agora falar do plano da igreja de Louroza e compará-la com a de S. Pedro de Balsemão e com as igrejas semelhantes de alem-fronteiras.

O plano dos dois santuarios e o dos seus congeneres espanhoes — Os capiteis de Balsemão e os de Santa Comba de Bande — A arte decorativa de Balsemão e a sua correspondencia e origens — Os swasticas e as rosetas sexifolias na arquitetura primitiva — Alguns documentos sobre Louroza

Em numeros successivos da *Arte*, revista portuense, inseriu em 1908 o sr. Joaquim de Vasconcellos um interessante estudo sobre o que ele chama o unico exemplar da arquitectura latino-bizantina emPortugal.

A nossa historia da arte tem agora para colocar ao lado dela a não menos notavel igreja de Louroza do concelho de Oliveira do Hospital, melhor conservada comquanto menos interessante nos detalhes, do que a de Balsemão.

O plano nas duas é identico, mas o tamanho de Louroza maior: ha tambem outras diferenças importantes como por exemplo nas respectivas capelas-móres. Uma completa a outra. Por ambas se póde fazer ideia do estilo de construção usado na terra portugueza anteriormente ao romanico.

A disposição do côrpo da igreja em ambos os santuarios, encontra-se em monumentos espanhoes da mesma epoca, como seja em San Julian de Prados (Santullano) que foi fundada, parece-me, por Afonso o Casto e cujo plano até ao cruzeiro é egual ao das nossas duas igrejas, podendo bem considerar-se o tipo perfeito da bazilica latina de 3 naves e 3 absides, de planta quadrada ou rectangular com cobertura de madeira. O mesmo se dá com S. Salvadôr de Priesca, de 3 naves

e 3 arcos de leve ferradura em cada parede divisoria, a qual foi sagrada na era de DCCCCLVIII (920).

Em Balsemão os arcos descançam directamente sobre os capiteis, para ali trazidos posteriormente e adaptados, pois que os primitivos deviam corresponder ás bases que lá se veem. Em Louroza os arcos de volta de ferradura assentam em abacos largos que por seu turno se apoiam em capiteis e fustes cujos diametros se harmonizam perfeitamente.

Este facto esclarece o caso de Balsemão, já indicado pelo sr. Vasconcelos. Aos arcos deste santuario foram tirados os silhares qne faziam a curva inferior da volta de ferradura ([1]) e os capiteis que havia, substituidos pelos que lá estão hoje e que foram á certa trazidos de alguma estação romana das vizinhanças, das ruinas que aparecem para baixo da capela, de Covelas, uma estação romana um pouco mais longe, ou pelo menos da varzea da Queimada, onde como é conhecido, os vestigios romanos são abundantissimos. ([2])

Em Balsemão, a comunicação entre o côrpo do santuario e a capela mór faz-se por um só arco, esse com a volta de ferradura bem clara, mas alteado por lhe terem metido de cada lado um novo silhar, o que deu uma fórma extravagante ao conjunto. Pelo lado de dentro conhece-se que não podia ter havido outra passagem para o côrpo da egreja. De facto corre na parede á altura das impostas e partindo delas, um triplice cordão gravado, cuja origem vem de tão longe, que já o encontrei nas lapides visigoticas de Mertola, numa tampa sepulcral do templo de Endovelico ([3]) e nas portadas das cividades minhôtas e galegas.

E não é esta a unica aproximação que se póde fazer entre a arte decorativa de Balsemão e a arte protoistorica, visigoda e mesmo lusitana.

Os *swasticas* e as rosetas sexifolias aparecem nas cividades, nas inscripções luso-romanas, na arquitetura visigoda, asturiana e mosarabe e até na romanica.

([1]) Compreendi claramente como a transformação se tinha dado, quando olhei para uma vivenda mourisca situada em frente do maravilhoso palacio que o sr. Dr. Carvalho Monteiro tem em Cintra. As pedras que assentam sobre os capiteis estão um pouco desconjuntados Tiradas elas, a arcaria fica egual á de Balsemão

([2]) O mesmo facto se deu em Santa Comba de Bande. Os capiteis da igreja foram levados para lá de umas termas romanas, vizinhas.

([3]) Tudo no Museu Etnologico.

Para exemplo das primeiras basta citar, Briteiros, Sabrôso e Monte Redondo; para as segundas, as 4 stelas votivas de que já falei e muitas outras que o Museu Etnologico possue. Para a arquitetura visigoda serve S. Pedro de Nave (Zamora) em que a meia altura das paredes corre uma linha de gravuras na pedra em que se alternam os *swasticas* e as rosetas; para a asturiana, S. Cristina de Lena e a sua irmã Santa Maria de Naranco (Oviedo), para a mosarabe o Canecillo de San Miguel de la Cogolla de Suso (Logrôno), para a romanica, por exemplo os arcos do portal de S. Pedro de Galliganes em Gerona (rosetas), ou os abacos (como em Balsemão) de San Pablo del Campo em Barcelona. [1]

Esta barbara ornamentação, (de que Balsemão tem tão deliciosos specimens) alcança tanta brutalidade e rudeza no timpano do portico de S. Fiz de Cangas (Galiza), que é romanico, que a gente quasi duvida se a pedra não seria trazida para lá dalguma rude citania dos arredores. Não ha duvida que todos estes motivos ornamentaes, os de Balsemão e os espanhoes, são como diz Lampérez, «la turbia cristalizacion á través los siglos de formas tradicionales.»

Como atraz vimos, as *swasticas e as rosetas* acompanham nas stelas, as portas com arcos de ferradura. Anda tudo ligado.

Ora toda esta brilhante decoração falta em Louroza: os unicos lavrados que lá aparecem são os das duas já citadas inscripções. Os construtôres da igreja gostavam da simplicidade.

Sahi da igreja de Louroza pela porta da direita cuja situação é identica á de uma outra de Balsemão. Cá fóra pensei na hora e meia que lá estivera dentro e que me deixou recordações para toda a vida.

E para terminar: Louroza aparece frequentemente citada em documentos. Nas Inquirições de Afonso III em que é inquirida juntamente com Villa Pouca, na Tavoada dos Foraes Novos da Comarca da Beira, em que se diz que apezar de haver memoria de antigo particular foral a terra é do Bispo de Coimbra, e, nas Memorias Parochiaes de 1758 [2] onde o parocho para a distinguir da Louroza da comarca da Feira lhe chama Louroza da Serra da Estrella titulo que adopto para este despretencioso trabalho. Ha bastantes anos que esta

---

[1] Elementos de um trabalho em preparação. «A roseta sexifolia como motivo ornamental popular»

[2] Mem-Paroch-V-21-n.º 147, pag. 1281.

igreja de Louroza era conhecida e tida como antiga porque já numa corographia do districto de Coimbra se diz: [1] «E' de fundação antiquissima esta povoação e notavel a sua igreja em estilo gotico». O auctor pelo visto, só lhe olhou para a frontaria.

---

[1] Corografia do Dist. de Coimbra.—Agostinho d'Andrade, 1896, pag. 145.